

## **A RUPTURA DO OLHAR AUTOMATIZADO PARA A CIDADE**

Ana Paula Renesto Barbin Torres (IC) e Edison Batista Ribeiro (Orientador)

**Apoio:** PIBIC Mackpesquisa

### **RESUMO**

Essa pesquisa tem por objetivo analisar a influência da arquitetura na percepção do espaço, juntamente com todos as componentes que formam um determinado cenário. As sensações que os vazios e os cheios arquitetônicos despertam, além de outros dados materiais e imateriais que se relacionam com a arquitetura e impactam nas sensações despertadas. E isso tudo é possível apreender a partir do caminhar lento, a partir do qual se observa a cidade atentamente, com todos os seus detalhes e elementos que muitas vezes passam despercebidos. Foi escolhido o centro antigo da cidade de São Paulo, pela sua diversidade de construções, vias cujas características não se encontram mais em outros bairros e variedades de comércios, serviços e pessoas nas ruas. Ali, constata-se a escassa quantidade de habitações, o que contribui para se formar uma determinada ambiência, que pode variar conforme dias e horários, e também conforme o próprio tipo de olhar que se tem para a região, mais profundo e vagaroso, ou rápido e desatento. Explorando o trajeto, diversas tipologias arquitetônicas são notadas, de momentos e características diversas, mas que integram um conjunto que configura aquele sítio. Por fim, tem-se a conclusão após explorar aquele espaço, caminhando e observando atentamente, experimentando a cidade com um olhar de quem busca entendê-la.

**Palavras-chave:** Artigo. Mackenzie. Iniciação científica

### **ABSTRACT**

This research aims to analyze the influence of architecture on the perception of space, along with all the components that form a given scenario. The sensations that architectural full and empties cause, in addition to other material and immaterial data that are related to architecture and impact on the awakened sensations. And all this is possible to apprehend from the slow walk, from which the city is observed attentively, with all its details and elements that often go unnoticed. The old center of São Paulo was chosen due to its diversity of constructions, roads whose characteristics are no longer found in other neighborhoods and variety of shops, services and people on the streets. There, there is not much dwellings, fact that contributes to the formation of a certain ambience, which can vary according to days and times, and also according to the very type of look that one has for the region, deeper and slower, or fast and inattentive. Exploring the route, several architectural typologies are noted, with different moments and characteristics, but which integrate a set that configures that site. Finally, there is the conclusion after exploring that space, walking and observing attentively, experiencing the city with the look of someone who seeks to understand it.

**Keywords:** Architecture. Spaces. Slow walk. City perception.

## 1. INTRODUÇÃO

Cotidianamente, ao caminhar pela cidade, nos atemos mais ao trajeto do que aos elementos que a compõem. É comum não notar um espaço livre no térreo de um edifício que serve como ponto de encontro, um comércio novo com uma fachada pequena, um espaço de estar formado pelos elementos construtivos de um edifício, etc..

A questão do olhar com apatia ou indiferença já havia sido discutida por Simmel no início do século XX sobre a vida mental das nascentes metrópoles europeias. A “atitude blasé” à qual se refere significa a incapacidade de reagir a novas sensações com a intensidade apropriada, característica presente nos indivíduos que vivem nas cidades.

Podemos pensar a partir daí nas possibilidades de que a arquitetura e o urbanismo dispõem em relação às estratégias de condução deste olhar de quem permeia a cidade, para que manifeste entusiasmo ao identificar algo interessante. Assim, a questão central dessa pesquisa é: como aguçar o olhar para a cidade e estimular a descoberta de espaços ou elementos em locais que já se tornaram familiares? É possível se surpreender com o que já é conhecido?

Ao pensar numa cidade, identificamos muitos padrões, tanto nas edificações, por exemplo a materialidade, gabarito (altura), elementos ornamentais, fachada, quanto no desenho urbano, como largura de ruas e calçadas, paisagismo (ou ausência dele). E esses padrões, muitas vezes, acabam se repetindo, por vezes de forma monótona, automatizando o olhar e, com isso, muitos elementos da paisagem urbana, reduzida ao qualificativo “*caótica*”, passam despercebidos ao olhar do sujeito comum.

O hábito, a pressa em chegar no lugar de destino, parecem automatizar a percepção utilitária de um local que se tornou excessivamente familiar, impedindo uma apreensão diversa, ou seja, notam-se apenas elementos referenciais, perdendo características, cores, formas, que acabam se invisibilizando naquele determinado cenário de velocidade acelerada.

Segundo Pallasmaa (1996, p. 142), “a desordem joga contra a ordem, o acidental contra o regular, a surpresa contra o previsto. As atividades e funções se interpenetram e entram em contato umas com as outras, criando contradições, paradoxos e uma excitação de natureza erótica”.

Assim, os contrastes, as surpresas, o inesperado podem tornar a cidade mais interessante e convidativa a ser explorada. A homogeneidade entedia e não atrai olhares. Pode ser interessante, num primeiro momento, não saber o que esperar de determinado lugar, pois isso desperta curiosidade e vontade de aproximação. As diferenças entre os elementos urbanos tornam o lugar instigante, estimula o interesse em observá-lo e desperta a vontade de percorrê-lo. Segundo Cullen (1971, p.5), “do ponto de vista do urbanista, é difícil evitar o

convencionalismo; mas tentar escapar-lhe com artifícios é, com certeza pior do que a monotonia que procurava inicialmente evitar.”.

E isso não se aplica somente às edificações. Um grafite, um mural, um paisagismo podem despertar esse olhar e transformar a perspectiva que se tem sobre determinado espaço/local.

Os elementos arquitetônicos diferentes, que não sejam demasiadamente discrepantes em determinado contexto, sem exageros que beiram ao caricato, que podemos identificar como “arquitetura do espetáculo”, podem impactar, atrair olhares e criar novas sensações, mas de um modo diferente que o comum que passou despercebido também o faz. Enquanto um gera curiosidade por ser um alienígena no local, o outro empolga pela revelação de algo que já estava ali e não tinha sido notado, como se descortinassem algo que sempre esteve diante dos olhos. E o segundo tipo de descoberta é mais enriquecedor e envolvente pensando na cidade como um todo, porque essas pequenas surpresas estimulam a busca por outras mais, incentivando o uso e a apropriação de cada pedaço dela.

Para essas descobertas, é necessário vivenciar a cidade e a melhor forma é caminhando. A velocidade com que se caminha está relacionada à maior precisão da percepção do que se observa. Assim, para perceber a urbe além do que se vê, é recomendável o caminhar lento. Esse tipo de caminhar está relacionado à atenção que se dá àquela experiência, pois é sem pressa que passamos a prestar mais atenção nas pequenas coisas.

O caminhar lento e atento permite captar detalhes, sutilezas, atmosferas, sons que não facilmente passam despercebidas pelo caminhar “objetivo” (apressado e desatento com o entorno do trajeto).

As variações urbanas podem modificar a experiência sensível, subjetiva dos seus frequentadores, tanto do ponto de vista fisiológico (um desenho urbano que reduz ou aumenta um trajeto) quanto do psicológico, provocando diferentes emoções e estimulando os sentidos. E também as experiências objetivas ou coletivas, que alteram a percepção do espaço urbano para todos aqueles que o observam ou usam.

Portanto, de imediato, podemos reconhecer que é benéfico para a cidade ter espaços divergentes, contrastantes, que podem suscitar mais facilmente a apreensão mais demorada, não automatizada, que permitam explicitar dissenso, estimulando a diversidade e a multiplicidade urbana.

Com isso, evita-se a “experiência do mesmo”, que é cada vez mais uniformizada, vez que, segundo Berenstein (2012, p.11), a padronização empobrece ou anula experiências (conceito ligado ao coletivo).

A familiaridade de um espaço não estimula o olhar atento, pois ele passou a fazer parte de um cenário que não se observa atentamente. A arquitetura repetitiva promove essa mesmice e o desinteresse; a percepção é repetida, desestimulante, sem emoção.

O modo de assimilar a cidade e suas características está ligado à forma como é feito o percurso, com objetivo definido ou errância. “A experiência de errar pela cidade pode ser uma ferramenta de apreensão da cidade” (BERENSTEIN, 2012). Essa errância ou percorrer sem um trajeto ou objetivo definido é um tipo de experiência “não planejada ou desviatória do espaço público” (AGAMBEN, 2007).

Esse percorrer à deriva, levado de forma não programado pode vir a ser uma ferramenta de deslocamento do rotineiro-mecânico, que permite o encontro com o inusitado e com o insólito, identificar a alteridade presente e muitas vezes despercebida na cidade, nem sempre tão agradáveis, mas constitutiva do real.

E isso parece apenas ser possível quando se nota a cidade de baixo ou de dentro. De cima não há compreensão ou apreensão da cidade. O errante permeia a cidade, percorre seu desenho e a vivencia, se permite ser surpreendido ao observá-la. Um “passante” não a vê com atenção, está preocupado apenas com sua rotina, com determinado objetivo, e por isso experiências nem paisagens são registradas.

Por isso é possível dizer que a noção de tempo, isto é, disponibilidade também está ligada a essa apreensão dos espaços. O andar sem rumo pressupõe tempo disponível e é a desaceleração do passo e do olhar que “faz surgir” elementos interessantes na paisagem que ainda não tinham sido notados.

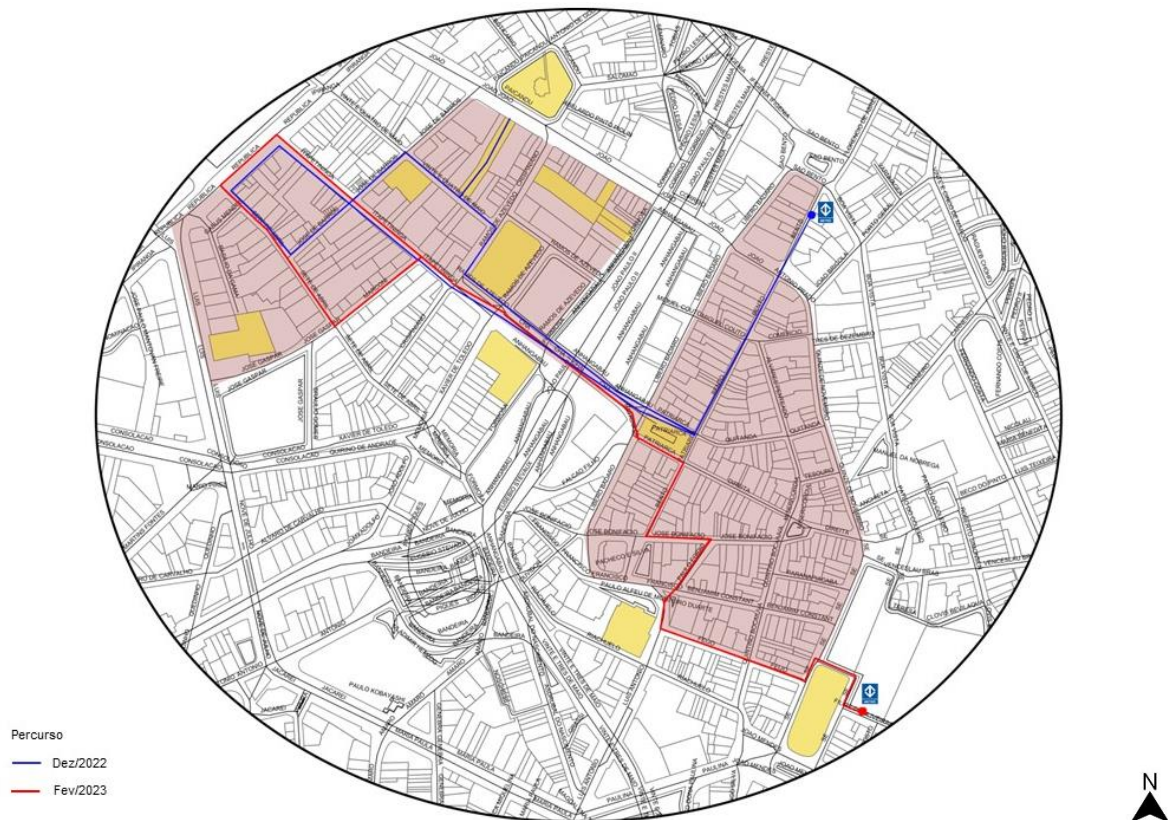
## **2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO**

### **Local escolhido**

O local de pesquisa é o centro “velho”, num perímetro que vai da Praça da Sé até a Praça da República. Essa região me remete à uma paisagem quase monocromática em relação às construções, repleta de concreto com camadas de poluição, a maioria dos edifícios com gabarito médio, muitos deles sem recuo frontal nem lateral, portões de ferro e com detalhes estéticos diversificados (as construções seguiram movimentos arquitetônicos variados).

E ao caminhar por esse cinza degradado, é possível avistar ícones arquitetônicos, como a Catedral da Sé, a Praça do Patriarca, o Viaduto do Chá, o Shopping Light, o Teatro Municipal, a Praça das Artes, a Galeria do Rock, o Sesc 24 e a Praça da República.

## Mapa do percurso



Apesar da sua importância histórica para a cidade de São Paulo, o centro vem sendo bastante negligenciado não só pelos sucessivos governos, mas também pelos próprios habitantes da cidade, que só o frequentam por interesses pontuais e momentâneos. Assim, a fim de trazer uma nova perspectiva de lá e despertar o interesse nos leitores para ter outro olhar do marco zero da cidade, esse local foi escolhido para realizar esse estudo.

## Caminhada

Decidi ir até o local por metrô, para experienciar melhor a cidade. A chegada à estação da Sé é um tanto desconfortável pela quantidade de pessoas que moram nas ruas do centro. É um misto de tristeza e insegurança.

Chegando ao térreo e no marco zero da cidade, olhei rapidamente para o entorno, que tem arquiteturas de diferentes épocas, mas também fui breve, não consegui notar os detalhes e logo comecei a andar, para não ficar ali vulnerável e desatenta para a movimentação das pessoas.

Passando em frente à catedral da Sé e da praça, percebi um espaço bem apropriado e ocupado por diversas pessoas. Alguns estão em busca de comida, outros passeiam pela região, outros pregam ensinamentos religiosos aos gritos e outros fazem propagandas de joias.

Tudo isso cercado por edifícios não muito altos para o que podemos encontrar em São Paulo, mas que dão uma sensação de fechamento ou até proteção daqueles que estão naquele ponto da cidade. Isto porque do outro lado tem a estrutura da estação de metrô e uma pequena praça que com a construção dele foi criada.

Notei que fiz o percurso relativamente rápido, mesmo num dia sem pressa, por conta da insegurança que as ruas do centro transmitem. Infelizmente, essa sensação me acompanhou por todo o percurso, mas ao entrar nas ruazinhas isso diminuiu um pouco, já que tinha menos gente. Aconteceu justamente o oposto do que prega Jane Jacobs, pois, para ela, quanto mais pessoas usando determinando espaço, maior a sensação de segurança se tem nele.

Talvez isso tenha acontecido porque a sensação de insegurança é muito intensa, a precariedade salta aos olhos na praça que é marco zero da cidade. Eu só queria sair de lá e as pequenas ruas que de lá se ramificam pareciam um alívio em meio àquele caos.

É importante ressaltar que a pandemia teve grande influência na criação desse cenário desconcertante, que afetou a economia além da saúde da população. No centro já tinha uma considerável concentração de moradores de rua, mas após período pandêmico os locais em que as pessoas buscam algum abrigo se ramificaram, pois há moradores de rua, além da praça, também nas pequenas ruas e em qualquer canto onde conseguem minimamente se ajeitar para tentar sobreviver. O que antes já era triste e preocupante foi intensificado por essa questão de saúde pública mundial.

É importante mencionar que atualmente se nota uma vontade política nascente quanto ao retrofit de imóveis subutilizados e abandonados do centro para que se tornem moradias, mas esse assunto tem um horizonte ainda muito distante. Por conta disso e porque as pessoas ainda não conseguiram se recuperar economicamente pós pandemia, ainda há muitas pessoas que usam um trecho dos calçadões e das marquises dos edifícios da região como suas casas. E essa situação é consternadora, pois uma pesquisa recente indicou que São Paulo tem aproximadamente 590mil imóveis vazios, que é 18 vezes a população de rua da cidade<sup>1</sup>.

No geral, segundo Jane Jacobs, as pessoas ajudam a vigiar os espaços por conta da dinâmica que podemos simplificar em “ver e ser visto”, mas ali, apesar de ter bastante fachada ativa, são espaços de pouca permanência, comércio frenético em algumas e estacionamentos um ao lado do outro em outras, com apenas os manobristas nas calçadas. Para de fato haver a sensação de segurança, não basta ter fachada ativa; os usos dos espaços devem ser distintos para que as pessoas frequentem aquele local ao longo do dia inteiro. Durante um

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://santaportal.com.br/geral/sao-paulo-tem-quase-590-mil-imoveis-vazios-18-vezes-a-populacao-de-rua-da-cidade/>

período ajuda, mas não é suficiente, pois a ausência de pessoas depois de determinado horário deixa o local tão perigoso como se ninguém ali frequentasse de dia também.

Dessa forma, é possível afirmar que ter moradia amplia o período em que pessoas circulam na região, considerando que, apesar de o fluxo maior ocorrer durante o dia, por conta do comércio e das pessoas que passeiam e trabalham ali, nos outros horários há fluxo daqueles que chegam e saem de suas residências.

### Percepções

Andar pelo centro é uma experiência curiosa. Há muitos elementos parecidos, mas suas ruas provocam sensações completamente diferentes ao percorrê-las.

Claro que o “tipo” do andar pode interferir na percepção e na apreensão de seus elementos. Peter Zumthor (2006, p. 12) nos ensina que as coisas, as pessoas, o ar, a luminosidade, os ruídos, as cores, as presenças materiais, as texturas e as formas são itens que comovem num espaço. Além disso, o próprio “estado de ânimo”, seus sentimentos, suas expectativas e a memória vinculada ao local também interferem na percepção do espaço.

O caminhar objetivo, com a única preocupação de chegar a algum lugar para atender um compromisso, por exemplo, nos faz concluir que elas são estreitas, as edificações são altas e justapostas umas às outras, formando barreiras que impedem a visão do entorno próximo, causando até um certo desconforto que beira à claustrofobia.

Essa mesma leitura de um espaço já foi feita por Gordon Cullen (1971, p. 47), segundo o qual “a aproximação de dois grupos compactos de edifícios resulta numa espécie de pressão, numa proximidade inevitável do pormenor... Os estreitamentos permitem manter uma atmosfera de recinto”. Tal falta de intervalos entre as edificações causa a sensação de constrição, apertamento, o que evidencia a importância dos vazios na arquitetura.

A faculdade de Direito do largo São Francisco pode ser entendida como pontuação, numa analogia com uma frase gramatical. Ela seria um meio de ocultar a frase seguinte, que está atrás dela ainda escondida. Nessa analogia, a frase que está por vir, ainda oculta, seria a Paróquia São Francisco de Assis, Praça da Bandeira, Av. 23 de maio. Assim, andando por essa região é possível encontrar várias “pontuações”, que fazem pausas nas frases, que são os caminhos a serem percorridos.

Imagem 1: Rua Senador Feijó



Foto autoral, Ana Paula R. B. Torres

No entanto, caminhar por ali com mais calma, sem a pressa corriqueira do cotidiano, ou sem rumo definido – o caminhar errante – permitem identificar construções ou intervenções interessantes, mudando nossa percepção daquele espaço. O errante está sujeito às boas surpresas que um novo ou velho espaço – no sentido de conhecido e desconhecido, respectivamente – podem proporcionar.

Apesar dessa diferenciação, ambas as formas de perceber estão interligadas, porque o que é visto desperta um sentimento. Desse modo, a arquitetura vista e seu entorno despertam um sentimento, que pode ser modificado à medida em que mais e mais detalhes são apreendidos.

Tendo como ponto central o marco zero da cidade, ou seja, a praça da Sé, começamos a explorar a região pelas ruas que se ramificam por ali. Entrando pela R. Senador Feijó, a primeira quadra causa uma sensação estranha: há pouca fachada ativa, a maior parte é entrada de estacionamentos, o que causa certa insegurança.

Além disso, a rua é bastante estreita em relação aos edifícios, o que nos faz sentir enclausurados e até incentivando a andar mais rápido para chegar ao final dela, também por não ter um horizonte visível por ali.

Gordon Cullen trata disso quando fala de compartimentos e recintos exteriores. Nossa percepção varia conforme a posição que sentimos ocupar no meio-ambiente, por exemplo, estar dentro, acima, abaixo, fora, etc. E essa percepção pode se manifestar de forma intensa, sob forma de claustrofobia ou agorafobia.

E esse trecho é instigante, porque tem uma parte de um edifício que vai aparecendo à medida que avança o caminhar. A faculdade de Direito do Largo São Francisco ao mesmo

tempo intensifica a sensação de clausura, já que “fecha” mais ainda a vista que se tem da rua, mas provoca curiosidade e incentiva o caminhante a continuar por ali para ver o que tem a ser descoberto ao final daquele trajeto, um prédio histórico importantíssimo para a cidade.

Imagem 2: Rua 24 de maio



Fonte: foto autoral, Ana Paula R. B. Torres

Já quando percorremos a Rua Benjamin Constant no mesmo sentido que a anterior, a sensação é diferente. A atividade que existe ali (venda de joias) gera bastante movimento, mas também causa uma certa agonia, pois os “olheiros” interrompem o caminhar para entregar panfletos e tentar nos direcionar para as lojas.

A arquitetura também passa um pouco a sensação de clausura pelo mesmo motivo da anterior: prédios altos numa rua estreita. Pelo menos nesta, a rua é exclusiva de pedestres, o que garante um pouco mais de liberdade ao percurso.

Mais para baixo da praça, seguindo pela Rua Direita, a sensação de clausura inerente a praticamente todas as ruas do centro velho fica um pouco disfarçada pela grande quantidade de lojas concentradas ali. Além das lojas, há diversos comerciantes informais espalhados pelo “calçadão”, tornando-os obstáculos nesse percurso.

Seu final é tão curioso quanto a R. Senador Feijó, mas o que se encontra é o oposto: há um vazio que contrasta com as edificações justapostas e sujas pela poluição, a Praça do Patriarca. Nela foi inserida uma cobertura concebida por Paulo Mendes da Rocha, que abriga diversas pessoas, desde os que fogem da chuva aos que não tem um local para morar. Esse portal é um marco na cidade e ponto de encontro.

Imagem 3: Praça do Patriarca



Foto autoral, Ana Paula R. B. Torres

Muitos não aprovaram a intervenção por acharem agressivo à escala da nova praça, além de obstruir a visão da igreja de Santo Antônio, enquanto outros enxergam a estrutura metálica como um átrio externo para a igreja, que também protege o acesso à desativada Galeria Prestes Maia.

O Viaduto do Chá, apesar de conectar um lado do vale ao outro, para mim é elo de transição entre sensações completamente diferentes, apesar de ainda tratarmos da mesma região. As características já mencionadas se repetem pelas ruas: edificações altas, ruas estreitas e sem visão de um horizonte próximo. É justamente na transição, sobre o viaduto que cobre o vale do Anhangabaú, que vemos o horizonte mais amplo do percurso trilhado. E esse vale, espaço amplo, aberto e público que divide o centro histórico da cidade, é o local que mais tem movimento na região, em diversos dias e horários.

No entanto, aos finais de semana o lado em que está o Teatro Municipal e a Praça da República parece um centro mais ocupado por pessoas que usam a cidade, que querem passar maior tempo ali, que saíram para passear, já que o comércio fica aberto até mais tarde.

Do outro lado, os frequentadores parecem ter se deslocado para lá apenas para resolver alguma coisa e vão embora. Depois de um certo horário, as pequenas vias começam a ficar ermas e a sensação de insegurança predomina.

Isso acontece por não haver uso variado dos espaços, ou seja, nessa parte da cidade se concentram edifícios abandonados (que tem grande incentivo para receber retrofit e assim revitalizar essa parte da cidade), comércio/serviços que visam atender principalmente as pessoas que trabalham na região. Há pouquíssimas edificações cuja finalidade é moradia e

isso impacta diretamente o uso “constante” da cidade; o movimento se concentra num período do dia, dando o ar de abandono e insegurança à noite.

Ao chegar na R. 24 de maio, a Galeria do Rock já destoa dessa paisagem repetitiva e comum, por conta de suas cores e curvas. Sua forma desloca o olhar até daqueles que passam rapidamente por ali, tornando esse trecho mais interessante e atrativo que os demais.

O mesmo não ocorre com o SESC 24 de maio, localizado na mesma rua. Por fora, é mais um prédio de concreto posicionado junto aos demais, sem qualquer destaque. No entanto, o seu encanto acontece de uma forma diferente, ao percorrer seus andares e notar as sutilezas arquitetônicas, cujos vazios parecem criar conexões diretas com os prédios vizinhos, como o própria Galeria do Rock, que parece fazer parte do mesmo edifício para quem observa um pouco mais afastado da fachada. Nele as características internas chamam mais a atenção.

O edifício da Praça das Artes, por sua vez, surpreende pelas características bastante diversas dos demais edifícios que estão no seu entorno.

Em nova visita pelo centro, tive outra percepção. Andei pela 24 de maio novamente, num sábado à tarde, e tive a impressão de que a quantidade de pessoas na rua escondia a arquitetura ao redor. Isso pode até ser bom, porque os comércios e serviços impulsionam o movimento dali.

Nessa errância pelas ruas, entrei na Galeria do Rock. A arquitetura é incrível e a cada pavimento que se sobe, outra percepção se tem da cidade, porque a paisagem vai mudando e elementos novos vão aparecendo. O trajeto para a Av. São João se torna mais interessante com tantas lojas e pessoas diferentes, além das aberturas em formato de elipse nas lajes acima. A arquitetura interna por si só é um atrativo.

Imagem 4: Vista do Largo do Paiçandu a partir da Galeria do Rock



Foto autoral, Ana Paula R. B. Torres

Voltando à 24 de maio, a arquitetura que tem ali não é atrativa, mas é surpreendente encontrar uma galeria muito parecida à do rock em frente ao Sesc; é a galeria do Reggae. Como construção, também é interessante porque suas curvas geram curiosidade no pedestre, que fica com vontade de entrar, mas tem bem menos movimento que a outra logo ao lado, talvez pelos serviços ali oferecidos ali, mas principalmente por não criar uma abertura no meio da quadra, dando acesso à Av. São João. Essa permeabilidade inesperada gera curiosidade e movimento.

Uma fachada que chama atenção é a do Sesc, que agora está pintada de rosa. Ela destoa das edificações do entorno pela cor e pelo formato, pois a abertura para pedestres é um tanto discreta em relação às galerias mencionadas, está entre grandes pilares redondos sem grande destaque.

Esse edifício destoa bastante dos que estão à volta, porque é todo em pele de vidro, material pouco usado e caro à época em que os demais foram construídos. Ele lembra os prédios mais encontrados em outras regiões da cidade, como Berrini, Faria Lima e Paulista.

Mas quando se chega ao segundo andar se tem uma surpresa. Uma interrupção na fachada de vidro permite ver a rua, a galeria do reggae e tudo que acontece por ali, o que garante sua ótima integração com a cidade. Isso não é evidente na escala do pedestre, mas ao explorar o prédio se tem essa grata surpresa.

Essa interrupção também se percebe do outro lado da rua, de dentro da galeria, o que faz com quem olha de longe, mais da parte de dentro de ambos os edifícios, pensar que se trata de uma laje única, contínua e bem extensa. Essa integração é positiva e nos faz perceber a preocupação que Paulo Mendes da Rocha teve ao projetar, para que não se criasse um paredão bloqueando o que está à sua volta.

Imagem 5: Entrada do Sesc 24 de Maio



Foto autoral, Ana Paula R. B. Torres

Seguindo pela rua, há vários comércios e bastante movimento, o que dificulta um olhar mais atento e analítico para a arquitetura dali. Então chega-se à praça da República, que é um marco histórico e que chama a atenção justamente por ter ícones que já parecem não fazer parte da cidade contemporânea, como uma lagoa, um coreto e um edifício neoclássico que é uma escola.

Imagem 6: Escola Estadual Caetano de Campos, Praça da República

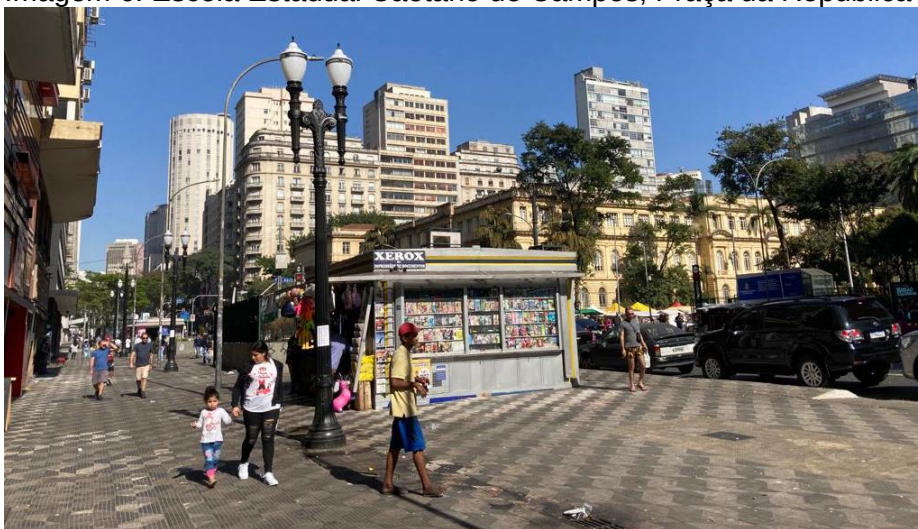


Foto autoral, Ana Paula R. B. Torres

Em seguida, seguindo o percurso pela R. Barão de Itapetininga, um edifício chama bastante atenção, pela cor e pela arquitetura, dentre a multidão passante e ambulantes: edifício e galeria Califórnia (projeto de Oscar Niemeyer e Carlos Lemos, 1951), que fica bem em frente a um edifício de estilo neoclássico com colunas e capiteis adornando a fachada com janelas altas.

Imagem 7: Rua Barão de Itapetininga



Foto autoral, Ana Paula R. B. Torres

Seus enormes pilares em formato V bem na fachada não deixam dúvida que foi projetado por Oscar Niemeyer. Juntamente com Carlos Lemos, em 1951, projetaram uma galeria que liga a R. Barão de Itapetininga à Rua Dom José de Barros. Ela faz um “L”, interligando ruas perpendiculares.

Antigamente, a tipologia “galeria” era bastante utilizada. Interessante de se ter na cidade para quebrar a monotonia das quadras, criando novos caminhos/percursos por espaços inesperados. E é justamente essa quebra de expectativa juntamente com a conexão “inesperada” entre lugares que deixava o centro de São Paulo um lugar atrativo, contribuindo para um movimento constante, a criação de uma cartografia única a partir da experiência itinerante e a compreensão da cidade de maneira própria, de acordo com Paola Berenstein.

Segundo Merleau Ponty, “cada ponto só pode ser percebido como uma figura sobre um fundo”. Assim, ao caminharmos livremente pela cidade, seus elementos são percebidos sobre um fundo, mas que pode ser relativizado: elementos da rua, como postes, cartazes, quiosques, bancos, são percebidos sobre o fundo de edificações; as edificações, por sua vez, são percebidas sobre o fundo de outras edificações, mais afastadas e menos notáveis, além do horizonte que se vê mais longe ainda. E essa relação entre figura e fundo varia conforme a atenção direcionada aos elementos percebidos.

É a percepção que direciona a atenção. Logo, a composição de um local, com sua arquitetura e outros elementos urbanos, pode ser percebida de formas diferentes e, assim, receber atenção de forma diferente. A percepção de uma pessoa pode não coincidir com a de outra, assim como a atenção dada muda conforme o olhar, a percepção de cada um.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A mistura de elementos que compõe uma paisagem, após o reconhecimento e a percepção, gera uma sensação sobre o espaço, desperta um sentimento depois da leitura desse “campo”.

Assim, a percepção de um lugar não se dá por um elemento isolado, um edifício ou um elemento/marco naquele espaço; deve-se olhar o todo e seus pormenores para ter uma percepção apurada e consistente. A desatenção até permite a leitura de um local, mas de modo superficial. E as sensações que essa leitura vai despertar podem variar conforme se aprofunda o olhar.

A arquitetura se comunica com as pessoas, pois provoca sensações e cria atmosferas variadas, o que fatalmente irá influenciar na percepção de um determinado lugar. Além da

comunicação emitida pelas construções em si com suas ambiências, a atmosfera dos espaços também comunica as formas de apropriação de determinado lugar.

Tudo que acontece ao nível dos olhos, ideia conhecida por “plinth”, (LAVEN, pp. 14) pode tirar a atenção da parte de cima das edificações quando se anda pelo percurso de forma rápida ou desatenta, mas as sensações que o lugar desperta são formadas a partir de todos os elementos que formam aquela paisagem. Por exemplo, a sensação de claustrofobia é sentida, mas talvez demore para se entender o porquê ela é sentida.

E o uso que ocorre ao nível dos olhos torna o percurso mais agradável, curioso e seguro, tema já bastante discutido por Jane Jacobs.

A apreensão de um espaço depende mais do indivíduo que ali frequenta do que as características “oferecidas” pelo cenário. Nesse sentido, é imprescindível o olhar atento, a experiência corpórea do espaço para que seja extraída uma conclusão sobre um lugar.

Se falarmos que o chamar atenção deve ser responsabilidade única e exclusivamente da arquitetura, corremos o risco de cair entender necessária à cidade a arquitetura do espetáculo, que chama atenção por suas características, mas nem sempre (na verdade, quase nunca) é sinônimo de boa arquitetura. Além disso, mesmo em se tratando desse tipo de arquitetura, seu destaque se perde com o tempo e, posteriormente, também será vítima dos olhares fugazes e desinteressados.

E se o comum também é capaz de surpreender quem jamais prestou atenção a um determinado lugar, talvez não sejam os arranjos espaciais diferentes que proporcionam a surpresa, que reduz o ritmo frenético da experiência urbana. O olhar atento está mais ligado ao indivíduo do que ao cenário que o circunda. O ambiente urbano, ainda segundo Simmel, produz “mudança rápida e ininterruptas de estímulos interiores e exteriores” (SIMMEL, 2005).

Portanto, a percepção de um lugar vai muito além da arquitetura. A maneira como a cidade se formou e se espalha, ou seja, como as edificações se distribuem, as ruas e calçadas, o verde, a iluminação natural que penetra por entre os prédios, acessos, impacta nossa percepção sobre o espaço, além dos outros elementos materiais e imateriais que estão atrelados a ela (cidade) e se apresentam de forma específica em cada local, como uso e ocupação, sensação de segurança, quantidade de pessoas na rua, entre outros já mencionados anteriormente.

#### 4. REFERÊNCIAS

- CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. 1ª. ed. [S. l.]: Companhia das Letras, 2017. 208 p.
- CULLEN, Gordon. Paisagem Urbana. 1ª. ed. [S. l.]: Edições 70, 2008. 208 p.
- GEHL, Jan. Cidades para pessoas. 1ª. ed. [S. l.]: Perspectiva, 2013. 280 p.
- JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. 3. ed. [S. l.]: WMF Martins Fontes, 2011.
- LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. 3ª. ed. [S. l.]: WMF Martins Fontes, 2011. 240 p.
- PALLASMAA, Juhani. Habitar. 1ª. ed. [S. l.]: Editora Gustavo Gili, 2017. 125 p.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. Intervenções urbanas: ARTE/CIDADE. [S. l.]: SESC São Paulo, 2002.
- RHEINGANTZ, Paulo Afonso; PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro. Qualidade do lugar e cultura contemporânea: controvérsias e ressonâncias em ambientes urbanos. 1ª. ed. Rio de Janeiro: PROARQ FAU-UFRJ, 2012
- SPECK, Jeff. Cidade caminhável. 1ª. ed. [S. l.]: PERSPECTIVA, 2016. 272 p.
- VILLAROUCO, Vilma; FERRER, Nicole; PAIVA, Marie Monique; FONSECA, Julia; GUEDES, Ana Paula. Neuroarquitetura - A neurociência no ambiente construído. 1ª. ed. [S. l.]: Rio Books, 2021. 256 p.

**Contatos:** torres.anapaula@hotmail.com (aluna) edison.ribeiro@mackenzie.br (orientador)